



Plataformas, dispositivos interacionais e circulação: mapeamento do episódio “Vaza Jato”

Platforms, interactional dispositives and circulation: mapping of “Vaza Jato” episode

Diosana Frigo¹

Luan Moraes Romero²

Viviane Borelli³

Resumo

Nesse artigo, busca-se mapear as plataformas (VAN DIJCK, 2013) nas quais o *The Intercept Brasil* publicou as três primeiras reportagens da série jornalística “Vaza Jato”, para identificar em quais delas é possível caracterizar a constituição de dispositivos interacionais (BRAGA et al, 2017) que fazem circular os sentidos que compõem o circuito comunicacional (BRAGA et al, 2017). Para tal, discute-se a emergência do espaço da circulação no processo comunicacional como propõem Fausto Neto (2018) e Braga et al(2017). Também reflete-se sobre as possíveis relações entre os conceitos de plataforma (VAN DIJCK, 2013) e o de dispositivo interacional (BRAGA et al, 2017). A investigação indica que nem todas as plataformas utilizadas para a publicação das reportagens constituíram dispositivos de interação, mesmo que elas possuam um caráter estratégico de disseminação dos conteúdos da agência de notícias.

Palavras-chave: circulação, circuito, plataforma

Abstact

The article seeks to map the platforms (VAN DIJCK, 2013) in which *The Intercept Brazil* published the first three reports in the journalistic series “Vaza Jato”, in order to identify

¹ Jornalista, aluna de doutorado do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), diosanafrigo@gmail.com

² Jornalista, aluno de mestrado, bolsista de Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), luan_155@hotmail.com

³ Doutora em Ciências da Comunicação pela Unisinos. Professora da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), líder do Grupo de Pesquisa Circulação Midiática e Estratégias Comunicacionais, borelliviviane@gmail.com



in which of them it is possible to characterize the constitution of interactional dispositive (BRAGA et al , 2017) that circulate the senses that make up the communicational circuit (BRAGA et al, 2017). To this end, the emergence of the circulation space in the communication process is discussed, as proposed by Fausto Neto (2018) and Braga et al (2017). It also reflects on the possible relationships between the concepts of platform (VAN DIJCK, 2013) and that of interactional dispositive (BRAGA et al, 2017). The investigation indicates that not all platforms used for the publication of reports were interaction dispositive, even if they have a strategic nature of disseminating the news agency's content.

Keywords: circulation, circuit, plataforma

Introdução

O presente artigo busca mapear as plataformas (VAN DIJCK, 2013) nas quais o *The Intercept Brasil* publicou as três primeiras reportagens da série jornalística intitulada “Vaza Jato”, para poder identificar características que apontem ou não para a constituição de dispositivos interacionais (BRAGA, 2017). As reportagens publicadas pela agência de notícias, no dia 9 de junho de 2019, são fruto da análise de um vazamento de dados das redes sociais do procurador da República da Lava-Jato Deltan Dallagnol por uma fonte anônima. Até o fechamento deste artigo, a série conta com a publicação de mais de 20 reportagens,

Para sistematizar a investigação empreendida, se traz à tona a discussão teórica feita por Braga (2010; 2017) e Fausto Neto (2018) sobre o fenômeno da circulação comunicacional. De forma tentativa, busca-se aproximar os conceitos trabalhados pelos autores como o de plataforma, proposto por Van Dijck (2013), e também com o de dispositivo interacional (Braga, 2017). Essa discussão teórica se faz necessária para conceber as imbricações e tensionamentos que permearam a publicação das reportagens pela agência de notícias.

Após a discussão dos conceitos centrais, faz-se o mapeamento das plataformas em que o *The Intercept Brasil* publicou as reportagens em análise, para identificar quais podem ser caracterizadas como dispositivos interacionais. A presente investigação se

insere em um movimento de exploração teórica e metodológica para apreensão do objeto de pesquisa para a dissertação de mestrado. Assim, a escolha pela série jornalística já mencionada, se dá entre outros motivos, por permitir analisar a circulação de sentidos em diferentes dispositivos interacionais que se articulam na constituição de um circuito comunicacional, concepção que será melhor explorado ao longo deste artigo.

2. Miatização, circulação e circuitos

No contexto da miatização da sociedade, a circulação de sentidos é fomentada a partir de novas formas de interação entre os atores sociais. Para Fausto Neto (2018, p. 15), “nesta ‘arquitetura comunicacional’ a miatização vai dando nova conformação à organização social e ao seu funcionamento gerando, de modo complexo, mutações nas condições de circulação de sentidos”. Para o autor, a circulação passa a ser compreendida muito além de uma ‘zona de passagem’ e não apenas como uma instância de ligação como previam os estudos americanos de orientação funcionalista. E complementa

“os efeitos intensos de tecnologias convertidas em meios, cujas lógicas afetam práticas sociais diversas, chamam atenção para possibilidades de interação nos quais seus polos constituintes realizam, segundo horizontes imprevisíveis, o trabalho de transação de sentidos”.(FAUSTO NETO, 2018, p. 15)

Dessa maneira, o autor ratifica que a compreensão anterior era que os atores mantinham uma relação linear indo da produção para a recepção e a circulação era vista como um ponto de passagem ou, como destaca Braga (2017), o intervalo entre produção e recepção. Com as relações complexificadas e redesenhadas entre os atores sociais, compreendemos, a partir dos pesquisadores referenciados, que a circulação de sentidos não se expressa por caminhos pré-determinados ou lineares, sendo que o receptor também é produtor e parte fundamental dessa processualidade, pois, ao apropriar-se de sentidos, os dissemina em fluxo contínuo e adiante.

Ainda, partilhamos com Fausto Neto (2018, p. 10) o entendimento que “[...] traços da circulação emergem nas configurações e dinâmicas de processos comunicacionais – das velhas a novas mídias – especialmente, com a ‘revolução do acesso’ pelo aparecimento da internet.”. Antes da internet, era mais difícil identificar os traços deixados pela circulação; com outras formas de interação entre os atores na processualidade comunicacional, a circulação também era manifestada de outras



maneiras, como por exemplo o envio de cartas às mídias com sugestão de pautas, o pedido de espaço para publicação na carta do leitor, entre outros.

Logo, a partir da nossa compreensão sobre a circulação de sentidos, com base nos autores citados, podemos afirmar que reconhecimento e produção não são estanques, já que os sentidos ofertados pelo polo da produção e apropriados pelo do reconhecimento serão interpretados em múltiplas direções e seguirão adiante em um fluxo contínuo fazendo com que antes o que era reconhecimento seja também produção em outra situação comunicacional. Ainda, ao mesmo tempo em que a circulação de sentidos se dá em fluxo contínuo e sempre adiante na sociedade em processo de midiatização, nota-se também que a circulação exerce uma atividade de acoplamento de sentidos no âmbito dos dois polos comunicacionais. No entanto, não se trata de sobreposições e sim de interpenetrações de discursividades que serão passadas adiante de forma imprevista em determinados circuitos comunicacionais.

Para Braga (2017), a circulação extrapola o limite dos dois polos (produção e recepção) e deve ser pensada na processualidade da midiatização além da relação direta entre produtor e receptor, já o importante é que o último faz seguir adiante as reações ao que recebe, em um fluxo contínuo. Devido a essas circunstâncias, o autor contesta as distinções simplistas de “pontos iniciais” e “pontos de chegada” ou produção e recepção como instâncias separadas. Para ele, o exercício das diferentes ações deve ser relacionado a cada tipo de interação, a cada dispositivo interacional acionado e ao contexto significativo, pois não devemos naturalizar papéis onde não há assimetria insuperável entre produtor e receptor, por exemplo. Dessa maneira, considera-se a especificidade das interações, que também dependem do contexto, sendo que o participante pode ser produtor em uma interação e em outra interação o receptor.

Nesse sentido, a partir de Braga (2017) podemos afirmar que o fluxo comunicacional ocorre de diferentes maneiras, seja entre duas pessoas conversando pessoalmente ou várias pessoas discutindo em um grupo localizado no Facebook. Sobre isso, o autor destaca que esse fluxo:

[...] acontece em variadíssimas formas – desde a reposição do próprio produto para outros usuários (modificado ou não); à elaboração de comentários – que podem resultar em textos publicados ou em simples ‘conversas de bar’, por exemplo, sobre um filme recém visto; a uma retomada de ideias para gerar outros produtos (em sintonia ou contraposição); a uma estimulação de debates,



análises, polêmicas – em processo agonístico; à esforços de sistematização analítica ou estudos sobre o tipo de questão inicialmente exposta; passando ainda por outras e outras possibilidades, incluindo aí, naturalmente a circulação que se manifesta nas redes sociais. (BRAGA, 2017, p. 52).

É interessante frisar que esse fluxo contínuo da circulação funciona pela apropriação de resultados de episódios anteriores que, por sua vez, terão sentidos acionados para que então ocorra uma nova interação em novos episódios – e assim em fluxo contínuo. Portanto, de acordo com Braga (2017), o produto midiático, por exemplo, não é exatamente o ponto de saída desse fluxo, pelo contrário, está mais para um ponto de chegada, que em decorrência de um conjunto de ações, interesses e processos formam uma espécie de objeto em circulação. Ainda, o autor pontua que esse objeto em movimento alimenta constantemente o fluxo comunicacional, isto é, torna-se um material que passa de um episódio interacional para outro, caracterizando elementos de saída e de entrada. O produto midiático pode ser tomado como indícios de outros elementos dentro de um circuito em que está inserido, pois

[...] o produto, como já indicamos, é um momento particularmente auspicioso da circulação – justamente porque, consolidado em sua forma que permanece (e que se multiplica, na sociedade em midiatização), pode continuar circulando e repercutindo em outros espaços. O produto, por sua permanência e também porque se molda ao mesmo tempo em que busca moldar os ambientes em que se põe a circular, torna-se um especial objeto de observação para inferências sobre os processos mais gerais em que se inscreve. (BRAGA, 2017, p. 53-54).

Esses processos mais gerais em que o objeto está inserido são o que o autor chama de circuitos comunicacionais. Assim sendo, para compreender os circuitos e como eles podem auxiliar nas pesquisas, é necessário entender, em consonância com Braga (2017), que os processos sociais são desenvolvidos tentativamente. Para o autor, diante das questões sociais (problemas, necessidades e interesses) os seres humanos encontram padrões de interação para enfrentá-las. Esses padrões que provêm de experiências acumuladas são acionados para a resolução das questões, contudo, se não houver respostas efetivas, os participantes agem tentativamente na invenção de soluções. Assim que a experiência for exitosa, a sua lógica será considerada em outras situações e estabilizará processos testados – como uma forma de invenção social.

Com a midiatização crescente, os campos sociais que antes interagem com outros campos segundo lógicas próprias e negociações específicas, são constantemente atravessados por circuitos diversos, pois cada setor da sociedade participa de múltiplos



circuitos. Nesse sentido, Braga (2017) compreende que estudar circuitos é importante para o entendimento da sociedade em midiatização, pois não prevalecem as lógicas deste ou daquele meio ou campo, por exemplo, nem lógicas preferenciais de determinados tipos de meios. Por esse motivo, o autor expõe que a riqueza não consiste em contrapor os meios digitais aos massivos, pois não são de mundos diferentes, pelo contrário, cada circuito compõe diferentes articulações entre o massivo e o digital, assim como a escrita e o presencial.

Uma forma de estudar os circuitos comunicacionais é partir do pressuposto de Braga (2017) que o produto midiático é um caracterizador dos elementos de saída e de entrada que relacionam dispositivos interacionais no circuito, sendo assim não é o produto que circula, mas encontra um sistema de circulação no qual se insere e ao qual alimenta. Por continuar circulando e repercutindo em outros espaços, o conteúdo posto em circulação pelo do *The Intercept Brasil* é moldável e busca moldar os ambientes em que está circulando, sendo que a partir dele é possível fazer inferências sobre os processos mais gerais em que está inscrito. Dessa maneira, ratificamos a importância de compreender a complexidade que envolve o processo comunicacional nas pesquisas da área da comunicação.

Nesse fluxo comunicacional contínuo e adiante, que dá dinamicidade na passagem de resultados entre dispositivos interacionais, ao apropriar-se dos sentidos de uma mensagem pode-se pôr em circulação sua resposta, que segue adiante em processos diferidos e difusos. Desse modo, o produto não é o objeto inicial de um percurso, mas o momento de um circuito que já começou e não terminou, sendo que Braga (2017) destaca que isso permite perguntar ao objeto como ele ocupa um lugar no circuito, quais as proposições, como reage ao que o antecede, o que produz no percurso e o que leva adiante para continuar a circulação no fluxo comunicacional.

3. Dispositivo de interação e plataforma: circuito comunicacional

A partir das proposições teóricas de Braga (2017), compreendemos que as três primeiras reportagens da série “Vaza Jato” são o produto midiático que ocupam um lugar no circuito comunicacional formado por diferentes dispositivos interacionais. Dessa maneira, buscamos mapear as plataformas (VAN DIJCK, 2013) nas quais o *The Intercept*



Brasil publicou as reportagens e conceber em quais é possível caracterizar a constituição de dispositivos interacionais.

Compreendemos que as plataformas “moldam a performance dos atos sociais ao invés de meramente facilitá-los” (VAN DIJCK, 2013, p.29). Nesse contexto, podemos dizer que a comunicação é modalizada por tais aparatos tecnológicos que

“processam meta(dados) através de algoritmos e formatam protocolos antes de apresentar suas lógicas interpretativas na forma de interfaces amigáveis ao usuário com configurações padrão que refletem as escolhas estratégicas de seus donos” (VAN DIJCK, 2013, p.29)⁴

Assim, Van Dijck, Poell e De Waal (2018) propõem que seja feita uma análise mais detalhada sobre a anatomia de tais plataformas. Os autores compreendem que elas são alimentadas por dados, que são automatizados e organizados por algoritmos e interfaces que seguem padrões e protocolos. No entanto, para eles, isso não é meramente técnico, pois tais organizações se constituem em torno de modelos de negócios e termos de usos assinados pelos usuários.

Assim, é necessário analisar tais plataformas sob a ótica comunicacional. Na busca por compreender que há articulação de códigos e inferências comunicacionais, reitera-se a necessidade de refletir sobre a noção de dispositivo interacional. Para Braga et al (2017 p.33):

“um dispositivo interacional são **inferências** - solicitadas pelo aspecto lacunar das coisas compartilhadas; pela alteridade dos participantes; pela copresença de códigos diversificados; e pelas necessidades internas de produtividade da interação; e **códigos** - quaisquer elementos compartilhados entre os participantes e trazidos como base comum para a ação comunicacional destes”

Além disso, mesmo considerando que não há diferenciação fundamental entre o que seria um dispositivo interacional e um circuito comunicacional, Braga et al (2017) nos dá indícios para refletir que quando articulamos a circulação em um episódio comunicacional, estamos falando em uma complexidade de dispositivos interacionais. Já quando buscamos compreender a circulação de sentidos em diferentes dispositivos de interação estamos investigando a formação de circuitos. Ainda, na visada dos circuitos é possível considerar que os dispositivos são pontos nodais.

⁴ Tradução nossa de “they process (meta)data through algorithms and formatted protocols before presenting their interpreted logic in the form of user-friendly interfaces with default settings that reflect the platform owner’s strategic choices.” (VAN DIJCK, 2013, p.29)



Tal diferenciação relativa à complexidade dos fenômenos abordados é importante para nosso avanço reflexivo, pois buscamos articular a investigação tanto no plano dos dispositivos interacionais, quanto na sua articulação em circuito. Em um primeiro momento buscamos dar conta do mapeamento das plataformas (VAN DIJCK, 2013) de publicação utilizadas por *The Intercept Brasil* para em um segundo momento identificar pistas caracterizadoras da formação de dispositivos interacionais (BRAGA et al, 2017) que fazem circular os sentidos que constroem o circuito comunicacional (BRAGA et al, 2017).

4. A “Vaza Jato”

A agência de notícias *The Intercept Brasil* foi fundada em 2016, e tem seu foco de atuação para a publicação de notícias políticas no contexto brasileiro feitas por jornalistas *in loco*. Além disso, a agência possui uma edição internacional realizada pelo advogado e jornalista Glenn Greenwald, pela cineasta, documentarista e escritora Laura Poitras e pelo jornalista investigativo Jeremy Scahill. A partir do dia 9 de junho de 2019, tem publicado reportagens fruto da análise de um vazamento anônimo de dados das redes sociais do procurador da Lava-Jato Deltan Dallagnol. Desde essa data, já somam mais de 20 reportagens relacionadas a mesma investigação.

De maneira exploratória, buscamos mapear em um primeiro momento plataformas nas quais a agência de notícias fez publicações relacionadas às três primeiras reportagens da Vaza Jato, para em um segundo momento explorar as possibilidades interacionais propostas por elas e assim conceber quais ações comunicacionais podem se constituir em dispositivos interacionais.

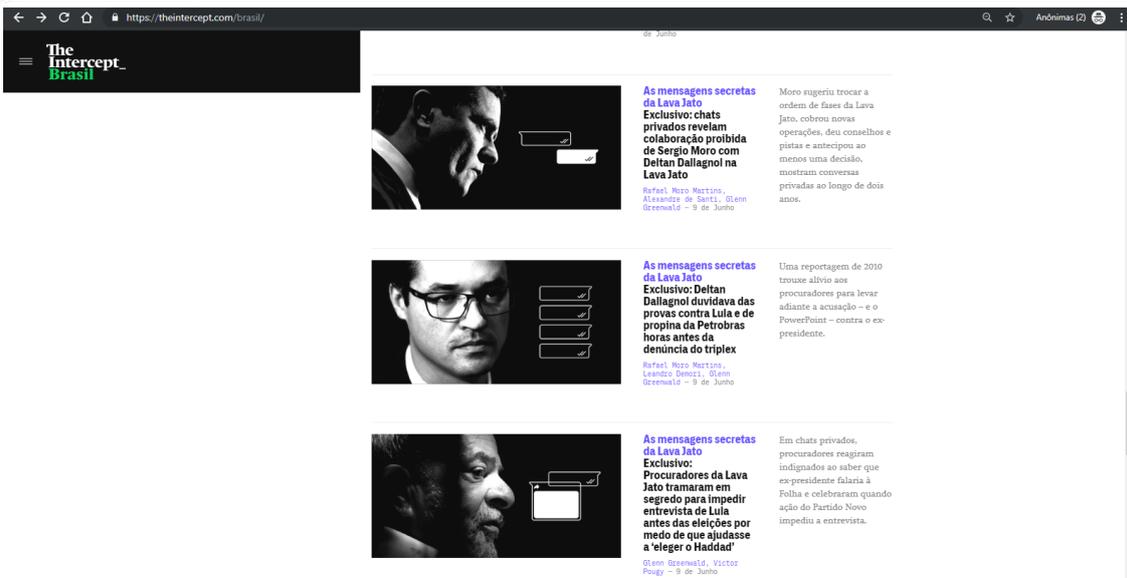


Figura 1: Imagem das reportagens no *feed* de notícias do *The Intercept Brasil*

A primeira plataforma que mapeamos é o próprio site do *The Intercept Brasil*, no qual é possível que os leitores compartilhem as reportagens no Facebook, no Twitter, e por e-mail, além de poderem deixar comentários em espaço reservado ao fim da notícia. Também exploramos os outros perfis que a agência de notícias mantém ativo em plataformas como Instagram, Youtube, agregadores de notícias como o Flipboard e o Google Notícias, e o canal aberto de interação com os leitores através da Newsletter e da lista do Whatsapp.

4.10 site do *The Intercept Brasil*

O site da agência de notícias concentra todas as reportagens publicadas, atuando como repositório, e organiza hierarquicamente com base na temporalidade das publicações, das mais recentes para as mais antigas. Cada notícia possui uma página própria, em que é possível efetuar comentários, ao fim do texto jornalístico.

No entanto, há regramentos para tal interação. É necessário fazer cadastro informando nome e e-mail, além de passar por uma avaliação moderadora, conforme a política de comentários do *The Intercept Brasil*⁵. Tal espaço permite tanto declarações

⁵ Informações disponíveis em: <<https://theintercept.com/politica-e-diretrizes-de-comentarios/>>

únicas por parte dos leitores, como também oferece a possibilidade de resposta a outras exposições dos usuários. Nas três primeiras reportagens da “Vaza Jato” os comentários foram fechados após cerca de quinze dias abertos, o que parece ser uma estratégia da política de gestão desse espaço pela agência.

Assim, concebemos que o modo através do qual o site organiza e proporciona a formação de pontos nodais e a constituição de episódios comunicacionais em fluxo contínuo remete a formação de dispositivos interacionais. Como lembra BRAGA ET AL (2017), há códigos específicos que caracterizam a forma com a qual as interações ocorrem, ou seja, há regramentos instituídos pela plataforma de comentários, que ressaltam o comum compartilhado entre os comentadores. Além disso, também há a presença do processo inferencial de trocas e respostas entre aqueles que se comunicam nesse espaço, já que mesmo respeitando as normas, notamos que há divergências de opiniões.

Ademais, é a partir das páginas individuais de cada reportagem que aparecem mais possibilidades de interação com outras plataformas. No canto superior esquerdo, há botões que mostram ser possível compartilhar a notícia no Facebook, no Twitter, por e-mail e comentar ao fim da página. Com relação ao envio por e-mail, o site direciona para o serviço de e-mail instalado no computador em que se navega na Internet. Já com relação às interações possíveis no Facebook e no Twitter, nos deteremos de maneira detalhada a seguir.

4.2 Facebook

O *The Intercept Brasil* criou a sua fanpage em 2 de agosto de 2016 e possui 579 mil curtidas e 602 mil seguidores⁶. Com relação às publicações que se relacionam as três primeiras reportagens, foram verificadas 8 postagens. Para Van Dijck (2013) o Facebook “por causa de seu tamanho e alcance global, [...] [eles] só são os primeiros em termos de tentativa de bater na competição, como também são os primeiros em definir os hábitos

⁶ Informações coletadas em: <<https://www.facebook.com/TheInterceptBr/>> acesso em 06/02/2020

sociais mediados para o seu nicho particular” (p.57)⁷ Assim, como forma de expansão de seus negócios, o Facebook oferece o serviço de perfil profissional (fanpage) em que disponibiliza uma interface para o administrador, com a possibilidade de mapear as informações relacionadas à interação dos usuários com aquele perfil, de maneira gratuita, além de contar com a forma de impulsionamento de postagens através do pagamento. Também oferece diferentes formas e estilos de postagens de conteúdos, podendo ser adicionados textos, notas, vídeos, imagens, etc.

Além disso, por serem uma das maiores redes sociais digitais no mundo, a maioria dos veículos de comunicação acaba se inserindo e se submetendo às lógicas da plataforma do Facebook como forma estratégica de engajamento de leitores. Com relação as postagens em análise foi possível observar que não houve impulsionamento, e que o *The Intercept Brasil* optou (em 7 das 8 postagens) por compartilhar o link da notícia de seu site com um resumo da reportagem. Essa forma de publicação dá indícios de que a agência de notícias quer que os seguidores do Facebook se dirijam para seu site oficial para ler na íntegra a reportagem.

Outro mecanismo específico do Facebook é a forma de resposta aos comentários em que a plataforma marca automaticamente na resposta o usuário que dispara o primeiro comentário, gerando assim a notificação para os outros usuários envolvidos. É um mecanismo regulado por algoritmo que tem impactos nessa forma de sociabilidade entre os usuários, que em determinados contextos pode promover o acirramento de discussões nesse espaço de comentários, já que a instantaneidade das notificações incentiva respostas rápidas entre os envolvidos.

Assim, concebemos que as ações comunicacionais empreendidas na fanpage podem ser caracterizadas como constituintes de dispositivos interacionais, pois no espaço dos comentários promovido no site, há códigos específicos que codeterminam a forma com a qual as interações ocorrem na *fanpage*. Aqui cabe ressaltar, que as normas estabelecidas para comentar são instituídas pelo Facebook, contudo o *The Intercept Brasil* possui formas de regular esse espaço. Além disso, é possível notar a presença de processos inferenciais de trocas e respostas entre os usuários que comentam na *fanpage*.

⁷ Tradução nossa para “Because of their size and global reach, players like Facebook are not only frontrunners in terms of trying to beat the competition, but also in terms of defining mediated social habits in that particular niche” (VAN DIJCK, 2013, p. 57).

4.3 Twitter

O *The Intercept Brasil* participa do Twitter desde julho de 2016, e possui mais de 14 mil tweets publicados e 587 mil seguidores⁸. As postagens relacionadas as reportagens do período em análise foram compartilhadas tendo o link de direcionamento para o site do *The Intercept Brasil*.

O Twitter, para Van Dijck (2013), é uma plataforma que evoluiu historicamente tendo como fundamento ser um site centrado no usuário, em que a ideia de *following* dá forma a tal posicionamento, pois as relações que se estabelecem dos usuários poderem seguir uns aos outros acontece de um para um. Tal funcionamento contribui para que os jornalistas do *The Intercept* atuassem em rede na disseminação de suas reportagens, com o perfil de fundador Gleen Greenwald tendo cerca de 1,4 milhões de seguidores (@ggreenwald) e do jornalista Leandro Demori tendo mais de 200 mil seguidores (@demori), que além de atuarem replicando as postagens do perfil principal do *The Intercept Brasil*, interagem com outros usuários da rede social.

Além disso, outra característica de destaque para essa plataforma é a capacidade que ele teve de formatar através de uma sintaxe própria determinadas ações, como “os símbolos @ (se refere a um nome online) e # (denotando um tópico a ser rastreado) e RT (retweetar) foram absorvidos rapidamente nas comunicações diárias” (VAN DIJCK, 2013, p. 72)⁹. Tais marcações da linguagem característica são utilizados pelo *The Intercept Brasil* na marcação de outros usuários e na promoção de “#” que invadem os trending topics do Twitter, como a #vazajato.

Assim, concebemos que as ações comunicacionais desenvolvidas pelos participantes do perfil do Twitter do *The Intercept Brasil* podem caracterizar-se enquanto um dispositivo interacional (BRAGA ET AL, 2017), pois há códigos específicos que constituem a forma com a qual as interações ocorrem, como menciona Van Dijck (2013), com as especificidades do uso de símbolos que marcam operações próprias da rede social. Também é possível observar o estabelecimento de processos inferenciais de trocas e

⁸ Informações encontradas em: <<https://twitter.com/TheInterceptBr>> acesso em 06/02/2020

⁹ Tradução nossa de: “The symbols @ (referring to an online name) and # (denoting a searchable topic) and RT (Retweet) were quickly absorbed into everyday communication.” (VAN DIJCK, 2013, p. 72).

respostas entre os usuários do Twitter em relação às publicações do perfil do *The Intercept Brasil*, assim como dos próprios jornalistas que mencionam a instituição.

4.4 Instagram

O *The Intercept Brasil* postou pela primeira vez em seu perfil no Instagram em 26 de janeiro de 2017 e possui 909 publicações, 821 mil seguidores e segue 127 perfis¹⁰. Com relação às publicações que se relacionam as três primeiras reportagens, foram verificadas 6 postagens.

O Instagram se caracteriza por ser uma rede social em que predomina o uso da imagem, já que não é possível fazer postagens sem inserir um recurso imagético. Além disso, podemos considerar que essa plataforma se aproxima das caracterizações propostas por Van Dijck (2013) para o Flickr, contudo com a aquisição pelo Facebook em 2012, a rede social passou a investir cada vez mais na abordagem interacional entre seus usuários. Dentre uma das últimas estratégias para cuidar da saúde mental de seus usuários¹¹, o Facebook excluiu a quantidade de likes por postagem da visualização no aplicativo no celular.

As postagens que integram o período observado (9 de junho de 2019) mostram que o perfil do *The Intercept Brasil* faz utiliza os formatos disponíveis para mesclar as três fotos das primeiras reportagens, montando uma narrativa imagética entre os personagens citados. A forma de remeter para o site da agência de notícias se dá com uma chamada para a leitura completa das reportagens no site do *The Intercept Brasil*, já que não é possível fazer utilizar links nas postagens.

No perfil do Instagram do *The Intercept Brasil* é notável a presença de códigos específicos que caracterizam a forma com a qual as interações ocorrem nessa rede social, como a obrigatoriedade das postagens conterem um imagem, por exemplo. Além disso, os processos inferenciais de trocas e respostas entre os seguidores e o que o perfil publica

¹⁰ Informações encontradas em: <<https://www.instagram.com/theinterceptbrasil/>> acesso em 06/02/2020

¹¹ Informações obtidas em: <<https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/05/fim-dos-likes-entenda-o-teste-do-instagram-que-vai-esconder-curtidas.ghtml>> acesso em 05/02/2020

se dá através dos comentários, constituindo um dispositivo interacional nos termos de Braga et al (2017).

4.5 Youtube

O *The Intercept Brasil* criou a seu perfil no Youtube em 2 de agosto de 2016, e possui mais de 8 milhões de visualizações e 216 mil inscritos¹². No canal há uma lista denominada “#VazaJato”, que é atualizada (com 10 vídeos até o momento), e com relação às publicações que se relacionam as três primeiras reportagens, foi verificado um vídeo. A agência de notícias publica tanto vídeos com narrativa produzida, como também trechos de produções audiovisuais que corroboram sua produção jornalística. Além disso, a plataforma disponibiliza o espaço de comentários, em que é possível observar o estabelecimento de processos inferenciais por parte da audiência que faz circular os sentidos em fluxos adiante.

Para Van Dijck (2013) o Youtube se manifesta como o híbrido de um site de compartilhamento de vídeos e uma rede social, o que contribuiu para ameaçar o formato broadcast clássica da televisão. Contudo, para a autora, com o passar do tempo, a plataforma teve que se adaptar com as regulações de anti-pirataria e passou a ser um espaço que dialoga com os formatos que a televisão possui. Uma das formas mapeada por Van Dijck (2013) é a disponibilização de trechos das produções audiovisuais e os canais de Youtubers, que se profissionalizaram com o passar do tempo.

Para Van Dijck (2013) os trechos são postados no Youtube “para serem reusados, reproduzidos, comentados [...]. Sua função é servir como input para socializar e comunicação em grupo ou como um recurso para remixes criativos” (VAN DIJCK, 2013, p.119)¹³. Com relação ao vídeo postados pelo *The Intercept Brasil* no caso observado é

¹² Informações coletadas em: <<https://www.youtube.com/channel/UCNqzAD9EiECreuH6LA8IYeA>> acesso em 04/02/2020

¹³ Tradução nossa de: “Snippets, in this vision, are posted on video-sharing sites to be reused, reproduced, commented upon, or tinkered with. Their function as input for social traffic and group communication or as resource for creative remixes is thus touted as typical of YouTube’s content (Lessig 2008).” (VAN DIJCK, 2013, p.119)

um trecho de uma entrevista do ex-juiz Sérgio Moro em que ele declarava que não era um juiz investigador.

4.6 Agregadores, Newsletter e Whatsapp

Em nosso mapeamento das plataformas utilizadas pelo *The Intercept Brasil* para postar as reportagens da série jornalística “Vaza Jato”, ainda encontramos o perfil ativo no Flipboard, no Google News, e também a agência de notícias mantém uma Newsletter e uma lista no Whatsapp. Ao efetuarmos uma análise sobre esses espaços notamos que há códigos que caracterizam cada uma dessas plataformas, que se caracterizam por integrarem a estratégia de espalhar os conteúdos produzidos pela agência de notícias, contudo não é possível caracterizar como nos outros locais os processos inferenciais de comunicação.

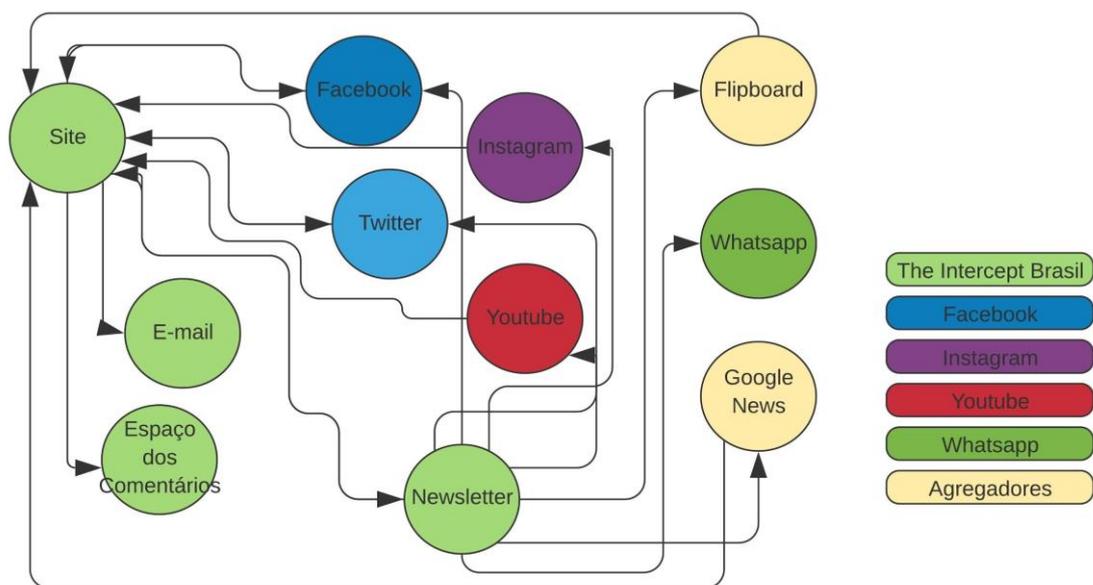


Figura 2: esquema de menções entre as plataformas

4. Notas em conclusão

Braga (2017) afirma que a reiteração de conexões entre os dispositivos interacionais caracteriza-se como um circuito, que direciona o fluxo comunicacional



adiante em determinadas condições contextuais. As expectativas de passagens entre episódios interacionais, ao reforçar as tentativas mais bem-sucedidas, na visada dos participantes, dão forma ao circuito e repassam indicativos aos dispositivos interacionais. O autor considera que os circuitos comunicacionais são produzidos quando os processos e resultados de um dispositivo interacional são de interesse para outro, sendo que tais elementos são componentes de entrada para sua ação interacional. Reafirma-se, então, que os processos são experimentais e tentativos. Nesse sentido, a aposta do *The Intercept Brasil* em distintas plataformas visa a possibilidade de construção de circuitos comunicacionais específicos, já que possuem características, códigos e lógicas de funcionamento singulares e que remetem também à ampliação do contato com a circulação, diluída em espaços, materialidades e temporalidades não previstos.

Entendemos que o objeto não é o produto final do fluxo comunicacional, porém, o resultado da apropriação de episódios anteriores (em movimento) que alimenta o fluxo adiante da circulação, em caminhos difusos e imprevistos. Desse modo, de acordo com Braga (2017), o que se entende por produto midiático pode consolidar-se e, no contexto da midiatização, multiplicar-se para outros espaços, dando continuidade até mesmo infinita no processo de circulação e indo além, inclusive, do seu conteúdo. Notamos que cada ponto nodal identificado pode se constituir num ponto de partida para novas interações.

O mapeamento realizado mostra que nem todas as plataformas (VAN DIJCK, 2013) mapeadas podem ser caracterizadas como dispositivos de interação (BRAGA et al, 2017), pois lhes falta atributos característicos da materialização de processos inferenciais de trocas e interações entre aqueles que se comunicam, como a Newsletter. Assim, concebe-se que as atividades comunicacionais realizadas pelos participantes do site, da *fanpage*, do perfil no Instagram, do perfil no Twitter e do canal do Youtube do *The Intercept Brasil* podem ser caracterizadas enquanto dispositivos de interação, já que possuem códigos específicos e processos inferenciais possíveis de serem observados.

Além disso, mesmo considerando que não há diferenciação fundamental entre o que seria um dispositivo interacional e um circuito comunicacional, Braga et al (2017) nos dá indícios para refletir que quando articulamos a circulação em um episódio comunicacional, estamos falando em uma complexidade de dispositivos interacionais. Já



quando buscamos compreender a circulação de sentidos em diferentes dispositivos de interação investigamos a formação de circuitos.

Assim, o mapeamento nos aponta pistas para compreender as articulações dos dispositivos interacionais na constituição do circuito comunicacional em torno das três primeiras reportagens da série jornalística “Vaza Jato”. A partir deste olhar amplo, é possível refletir sobre os sentidos que circulam entre os diferentes dispositivos interacionais mapeados em futuras investigações.

5. Referências bibliográficas

BRAGA, J.. Nem rara, nem ausente - tentativa. **Matrizes**, São Paulo, v. 4, n. 1, p.65-81, jul. 2010. Semestral.

_____. Circuitos de Comunicação. In: BRAGA, J.L. et al. **Matrizes interacionais: a comunicação constrói a sociedade**. Campina Grande: EDUEPB, 2017, p. 42-64. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/59g2d>>. Acesso em: 5 out. 2019.

BRAGA, J.L, et al. **Matrizes Interacionais - a comunicação constrói a sociedade**. 1. ed. Campina Grande: EDUEPB - Editora da Universidade Estadual da Paraíba, 2017. v. 1. 449p

FAUSTO NETO, Antônio. Circulação: trajetos conceituais. **Rizoma**. Santa Cruz do Sul, v.6, n.2, dez. 2018, p. 8-40.

VAN DIJCK, J. **The culture of connectivity: A critical history of social media**. New York, Oxford University Press, 2013.

VAN DIJCK, J; POELL, T.; DE WAAL, M. **The Platform Society: Public Values in a Connective World**. Oxford University Press, 2018.